

Campinas não pode ver sua arte sacra

Da sucursal de
CAMPINAS

Algumas peças raras foram encontradas em forros de igrejas antigas; outras, abandonadas por fiéis interessados em renovar a decoração de capela e outras, ainda, doadas pelas tradicionais famílias portuguesas, italianas e espanholas que chegaram ao Brasil no século passado. Os cuidados do primeiro arcebispo de Campinas, dom Paulo de Tarso Campos, reunindo as obras e preservando os valores artísticos da igreja permitiram montar em Campinas um dos três museus de arte sacra do País — os outros dois ficam em São Paulo e Salvador — que atualmente conta com mais de 2.000 peças de valor incalculável. No entanto, as cinco imagens do século XVII, um quadro da Renascença, a tela de uma madona também renascentista e uma série de imagens, quadros e esculturas antigas são mantidas distantes do público, fechadas a chave para evitar que a poeira e a poluição da recém construída via expressa Aquidaban, em frente ao prédio, danifiquem as obras.

O atual diretor do Museu Arquidiocesano de Campinas, Celso Maria de Melo Pupo, de 77 anos, historiador pós-graduado em museologia no Rio de Janeiro, lamenta a atual situação do museu. E atribuiu principalmente às autoridades estaduais o descuido pelos valores históricos existentes em Campinas. Sem especificar o valor das obras, "porque é perigoso falar nisso", Melo Pupo reconhece a falta de segurança do museu, quando afirma que existe apenas um responsável pela sua guarda. "Mas ele mora lá e acho mais seguro que as obras estejam reunidas no museu que nas igrejas, que a qualquer hora podem ser invadidas", explica o historiador.

Em 1941, quando o arcebispo veio de Santos para Campinas, iniciou-se com seu apoio a procura pelas imagens, quadros e peças antigas nas igrejas da arquidiocese, que naquele tempo abrangia desde Descalvado até Vinhedo. Nas visitas pastorais, dom Paulo de Tarso, além de aconselhar fiéis, dar bençãos e rezar missas, procurava localizar peças raras.

O resultado foi a fundação

do museu. As tradicionais famílias da época começaram a doar suas relíquias sacras e hoje se encontra no museu uma imagem de Nossa Senhora das Dores, doada por uma família portuguesa, cujos antepassados trouxeram-na de Portugal em 1782. Outro exemplo é um crucifixo que uma velha senhora portuguesa tinha como lembrança de Dona Maria I, rainha de Portugal.

O espaço do Museu Arquidiocesano é pequeno. A localização das obras já não obedece aos sistemas especiais de luz e lugares adequados. E diversas doações começam a ser recusadas para não comprometer a preservação do acervo. "Se deixarmos as portas abertas, a poeira vai acabar com tudo. As pessoas que entram nas salas não limpam os pés da sujeira da avenida, e ainda sujam e estragam as obras", reclama Melo Pupo.

Esse importante e mal situado Museu Arquidiocesano permite o esclarecimento histórico de alguns quadros. A pesquisa sobre a vida de Santa Tereza mostrou que as imagens descritas pela santa em suas orações são retratadas fielmente nas pinturas. Esse fato foi descoberto pelos estudos que Celso Melo Pupo vem realizando desde quando os quadros saíram do convento de Santa Tereza para o Museu Arquidiocesano.

A esperança do historiador, entretanto, está na possibilidade de mudança do Museu de Arte Sacra para o museu histórico de Campinas, cujo prédio — pertencente à Cia. Mogiana de Estradas de Ferro — foi doado pelo governo em 1972. Até hoje, apesar do edifício exigir pequenas reformas, o Governo do Estado ainda não determinou a abertura do Museu ao público. O motivo, não se sabe. Para Melo Pupo, que se dedicou até agora a cuidar das obras sob sua responsabilidade — além da arte sacra, existem quadros de Hercules Florence, inventor da fotografia, já reconhecido por historiadores americanos — abrir o Museu Histórico de Campinas significa nomear alguém para sua direção. "É como é um direito que me cabe atualmente, talvez eles estejam esperando que eu morra para nomear alguém de seus próprios interesses", conclui o velho historiador.

DR. LINEU CORDEIRO — CRM 13653
IMPOTÊNCIA DOENÇAS SEXUAIS VENÉREAS

Rua São Bento, 181 — 7º andar — Tel.: 35-1939 2as, 4as, e 6as das 10 às 19 hs. e às 3as e 5as das 15 às 19 hs.

"O Estado" 12-IV-1977
CMP 2.3.16.28